

O ALIENISTA E A SÁTIRA CLÁSSICA ANTIGA

Amós Coêlho da Silva (UERJ e UGF)

RESUMO

O nosso objetivo é reler múltiplas insinuações de ironia e paródia, caricaturas genuinamente romanas, a partir de entrelinhas que exprimem a presença de uma tradição clássica da literatura greco-latina, em *O Alienista*, de Machado de Assis.

Palavras-chave: paródia; ironia ; melancolia.

Pretendemos resgatar uma trajetória histórica neste artigo, porque o que temos lido sobre herói picaresco **não** nos satisfaz. Pensamos em não nos limitarmos ao século XVI e filologicamente irmos às matrizes greco-romanas, onde colheremos dados sobre personagens burlescas, cômicas e ridículas. Por isso, para comentarmos o humor, a ironia e a paródia machadianos retomaremos alguns pontos da Antigüidade Clássica e descartamos, assim, as restrições de quinhentos anos.

O elemento primordial da sátira, não há dúvida, é a *Satura lanx*, a bandeja das primícias. Em honra da deusa Ceres, donde cereal em português, divindade da sementeira, em latim *satio*, ofertava-se em gratidão à satisfação ou ao estar *saturado*, que em latim se diz *satis* e *satur* - elementos presentes em português, conforme se ressalta nos grifos acima - uma bandeja com os primeiros frutos colhidos. Mas em 364 a.C., Tito Lívio (séc. I a.C.) nos relata que o Senado tinha importado da Etrúria os *ludiones* ou *histriones*, a fim de apaziguar os ânimos divinos e arrefecer uma peste que assolava, então, o povo romano. Surpresos e deleitados com os movimentos de dança e gracejos indecorosos, os latinos adotaram a novidade. A *fescennina licentia*, a permissividade da cidade etrusca Fescênia, se consagrou através das Confrarias dos Irmãos Arvais (de *arua*, os campos lavrados) e Sálíos, cf. Varrão, *De LL*,V,85: "*Salii ab salitando*", devido aos seus movimentos rápidos e vivos, eles saltitavam; daí o nome da Confraria: os Sálíos (note-se que *saltare*, um iterativo intensivo antigo, foi superado por *salire*; proveniente, pelo que indica a forma, de *salitare*, mas que *salitare* é um *hápax* de Varrão. Portanto, ficou disseminado o valor mágico dessa festividade das colheitas numa forma poética, consagrada com versos satúrnios. Suetônio, *apud* Tassilo O. Spalding, registrou a disseminação da irreverência fescenina nas *Carmina Triumphalia* dos soldados de César:

*Gallias Caesar subegit, Nicomedes Caesarem.
Ecce Caesar nunc triumphat qui subegit Gallias.
Nicomedes non triumphat, qui subegit Caesarem.
César sumeteu as Gálias, Nicomedes, César.
Eis César, agora em triunfo, porque subjogou as Gálias;
Nicomedes não triunfa, embora submetesse César.*

A atitude grotesca e simplória do povo latino é um traço típico de sua personalidade.

E até na própria antroponímia isso fica patenteado. Seja na ordenação numérica dos filhos, seja num outro indicativo, por vezes, ridículo. Assim, herdamos Tércio, Otávio de *Tertius* e *Octavius*, ou seja, o terceiro e oitavo filho nascido numa família romana; se a pessoa nascesse de manhã, do latim *mane*, chamar-se-ia *Manius*; se no mês de março, em português Márcio, do adjetivo *Martius*, porque o mês de março é o dedicado ao deus Marte; ou, então, um aspecto caricatural do desenho da fava, lentilha grão-de-bico, como, respectivamente, se apresenta, metaforicamente, a fisionomia de *Fabius Lentulus Cicero*.

Tais ingredientes irão compor o humor da comédia romana, principalmente em Plauto.

Horácio (65 a 8 a.C.), na Ep. II,1,146, acusa essas primeiras práticas como *opprobria rustica*, ofensas rústicas, assinalando no adjetivo *rustica* uma significação pejorativa, pois essas atitudes tinha o escopo de despertar o ódio e indignação *per honestas domus impune*(149-50), pelas honestas casas impunemente. Até que *graue uirus/Munditiae pepulere* (158-59), as coisas elegantes expulsassem a doentia obscenidade. O poeta venusino demarca para depois das Guerras Púnicas (*circa* 140 a.C.) o fato de Roma passar a apreciar as belas artes helênicas. Mesmo Lucílio (séc. II a.C.), que, para o autor de *Sermones*, é o marco inicial do gênero literário satírico, imitava em demasia o cáustico ataque dos comediógrafos mais contundentes da Grécia, principalmente Aristófanes. E o que é mais grave sem o labor do verso cuidado, conforme *Sát. I,4,1-13*. Nesta passagem está o fundamento de nossa crença numa influência da Comédia Antiga, apesar da restrição horaciana à lima de Lucílio.

A sátira menipéia tem sua origem em Marco Terêncio Varrão (116 a 27 a.C.) com *Saturae Menippeae*: o adjetivo *menipéia* provém de Menipo, filósofo da escola dos cínicos, a qual desprezava as con-

venções sociais e as riquezas, obedecendo exclusivamente às leis da natureza. A etimologia de *cínico* se prende ‘kýon’, cão, um possível epíteto de Diógenes, integrante da escola cínica de comportamento extravagante. Menipo de Gadara viveu no século III a.C. e escreveu muito, mas nada nos chegou. Entretanto Varrão o assimilou e nos dá uma idéia dos escritos daquele filósofo através de sua obra *Saturae Menippeae*.

Salvatore d'Onofrio observa *nas sátiras de Varrão representações de cidades simbólicas, viagens imaginárias a países maravilhosos, cenas grotescas, aventuras impossíveis, que estão entre o sonho e a realidade*. (d'ONFRIO, 1968: 42) Mediante do estado fragmentário da obra de Varrão, seria mais interessante tomarmos como ponto de partida a obra de Sêneca, que assimilou muito bem este estilo literário.

Sêneca, o Filósofo (4 a.C. a 65 d.C.) sempre se destacou pelo sentido moralista de sua obra e a História o confirmou, cunhando nele o epíteto de Filósofo, nesse mesmo sentido de seriedade. Porém, *Apocolocyntosis* narra os acontecimentos ocorridos em 54 d.C., ano da morte de Cláudio, que, como um César, governou Roma de 41 a 54. O caminho percorrido por Cláudio não é o mesmo que fora decretado por Augusto e repetido por Tibério. Estes realizaram a apoteose (divinização), trajeto digno de um *Imperator Romanus*. Díon Cássio, historiador grego do século II d.C., foi quem sugeriu, para um percurso tão claudicante (termo proveniente de *Cláudio*), porque ele coxeava, conforme o título *Divi Claudii Apocolocyntosis* em lugar de outros encontrados: Codex Sangallensis 569: *Apothéosis Annaei Senecae per saturam*; Codex Valentianensis 411: *Ludus de Morte Claudii* e Codex Londiniensis supple 11983: *Ludus de Morte Claudii Caesaris*, recordemos aqui uma aula apostilada pelo Professor Olmar Guterres: *Convenhamos: não é a Apokolokyntosis - a in-cucurbitatio? - a face risível da consacratio?*

São elementos da obra de Sêneca: a mixórdia, herança da *Satura lanx*, não só quanto à forma prosimétrica, como quanto ao tratamento: associação do sério (imperador, morte, deificação...) como o jocoso (idiota, aboborificação...); o fantástico, ou seja, o que ocorre *post mortem* de Cláudio; o emprego sistemático da paródia, abundante em Sêneca, a ironia e o grotesco, uma nova literária versão achin-

calhando a figura de Cláudio. Também a ambigüidade é um ingrediente de sua obra *Apocolocyntosis: Ego scio me liberum factum, ex quo suum diem obiit ille, qui verum proverbium fecerat, aut regem aut fatuum nasci oportere*. (p. 436), eu sei que me tornei livre no mesmo instante em que terminaram os dias daquele que tinha demonstrado a verdade do provérbio: um homem nasce ou rei ou idiota. O Professor Olmar Guterres, em aula apostilada, observa que Sêneca empregou a alternativa sem o verdadeiro valor exclusivo. Nesta passagem, o significado é Cláudio fora *rex e fatuus*. Como se vê, a paródia subverteu o *status quo* de ter nascido rei, pois a tradição homérica incluiria nesta condição de nascimento a *areté, a excelência, e timé, a honra pessoal*.

Enriquece as características já assinaladas Petrónio (I d.C.) com a estrutura de novela, como a dos *Contos Milésios*, de Aristides de Mileto (II a.C.). Eram próprios dessa narrativa o tema amor e aventura, *pode-se apreciar o gênero no conto da Matrona de Éfeso* (HARVEY, 1987: 139) no *Satíricon* de Petrónio. Apuleio (II d.C.) é outra contribuição de peso na constituição da sátira menipeia. *As Metamorfozes* ou *O Asno de Ouro* é uma novela do tipo *contos milésios*.

Nessa travessia histórica, não se pode deixar de mencionar Luciano de Samósata, um poeta da sátira menipeia, que em tempos recentes tem chamado atenção do seu espírito trocista.

No Brasil, temos o excelente trabalho crítico de Enylton J. de Sá Rego, intitulado *O Calundu e a Panacéia: Machado de Assis, a Sátira e a Tradição Luciânica*, analisando o “*tartamudear*” narrativo de Machado de Assis (1839-1908). O estilo satírico dos mestres romanos, tanto do século I d.C. como Sêneca e Petrónio, quanto do século II d.C. como o do poeta grego Luciano de Samósata, está implícito, mas uma leitura mais atenta o demonstraria explícito, como acontece com um repuxo, que lança inescotavelmente água de uma fonte mágica inextinguível.

O alienista é um outro elo na trajetória histórica da sátira menipeia. Publicado em 1881, justamente dez anos depois do dicionário do Dr. Frei Domingos Vieira anotar verbete alienista: ‘*falta em todos os Dicionários.*’ (MACHADO, 1967: verbete *alienista*). Note que há no sufixo *-ista* uma paródia irônica de sufixação que denota profissão, como os similares dentista, motorista. Ou seja, o *alienista*

é aquele que trata da alienação, quer dizer, loucura. Há em outros pontos de sua obra a preocupação com a loucura como tema. Lembremos de *Quincas Borba* (1891) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. No conto em foco, a busca da normalidade ou sanidade humana constitui a única perspectiva do personagem central, um médico com sólida formação científica. Tanto é assim, que, devido à sua reputação de investigador científico, foi insistentemente convidado por elei que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia (p. 9, ed. Ática). Elegeu Itaguaí, topônimo ímpar no Brasil, apontado como etimologia duvidosa, *embora se reconheça geralmente a presença dos elementos i'ta, "pedra", e ü, "rio", "água"* (MACHADO, S/D: *verbete Itaguaí*). O obstinado pesquisador nos é apresentado por Machado de Assis, como um sábio obstinado que domina os avanços dos pressupostos científicos do final do século XIX, semelhante a ~~dos~~ aos cientistas dessa época: ocasião do nascimento do evolucionismo de Charles Darwin, positivismo de Augusto Comte, da psicanálise de Sigmund Freud e seu discípulo Carl Jung... Darwin foi processado pela Igreja, porque identificou a evolução do homem a partir do macaco, o que ofendeu o Cristianismo na sua essência: o homem como imagem e semelhança de Deus; Freud escandalizou a sociedade de então, porque indicou como fonte de nossas angústias o desejo sexual reprimido. O homem do século XIX, angustiado, sai dos confessionários religiosos e se volta para o médico psicanalista.

Até o casamento de Dr. Simão Bacamarte é um tubo de ensaio. Pelo fato de D. Evarista reunir condições científicas notáveis, como boa pulsação, boa vista, sono regular, boa digestão, condições fisiológicas e anatômicas – sintomas médicos de valor absoluto que garantiriam uma procriação sadia; portanto, são fatos científicos provenientes de acertadíssima escolha: a da noiva e esposa de Bacamarte. Apesar da admiração de um dos tios dele, registrado no discurso machadiano ironicamente. Parodiando a fé científica da sua época, aquele que se diz o cronista desses fatos pesquisados, retomou, de crônicas de Itaguaí, a notícia da decepção de diagnósticos e prognósticos ginecológicos quanto à impossibilidade de D. Evarista ter filhos: *D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos.*(p. 9) No entanto, o persistente Dr. Bacamarte ainda esperou cinco anos. Confirmada a *extinção da di-*

nastia dos Bacamartes, ainda aviou uma prescrição de regime alimentício médico para a esposa. Como a *ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo*, Dr. Simão Bacamarte *mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina.*(p. 9) O próprio antropônimo da personagem central é caricatural. Simão é associado etimologicamente ao simiesco: *‘simão por “macaco” resulta de se querer imitar o latim ‘simius’* (MACHADO, S/D: *verbete Simão*). O médico imitou os procedimentos positivistas em voga. *Bacamarte* é uma antiga arma com cano que se alarga como boca de sino, ou seja, uma arma fora de moda.

Como sempre o poder público tratando com descaso a saúde. A loucura é uma doença relegada ao esquecimento. Assim, *a vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é argüida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes* (p. 10) Mas, **dada** a perseverança de Simão Bacamarte, instituiu-se *o uso de dois penachos nos cavalos dos enterros. Quem quisesse emplumar os cavalos de um coche mortuário pagaria dois tostões à câmara* – o que constituiria subsídio para a casa dos doidos. Em outras obras machadianas, vimos como o doente mental é ridicularizado pela multidão. Neste conto, delineia a antítese da grotesca loucura face à terrível morte, conjugação dos opostos, uma característica da sátira menipéia. A certeza de que a tentativa do empenhado médico esmorecesse no respeitoso magistrado é equivocada. **O** Dr. Bacamarte conseguirá tratar de *todos os doidos dentro da mesma casa*. Mas o perseverante médico inaugurou a sua obra prima com uma frase achada *no Corão* (que dizia) *que Maomé lhes (dos loucos) tira o juízo para que não pequem.*(p. 11) A ironia de Machado de Assis torna-se explícita pelo fato de o médico atribuir *o pensamento a Benedito VIII, merecendo com essa fraude aliás pia, que o padre Lopes lhe contasse, ao almoço, a vida do pontífice eminente.*(p. 11) Há ironia também a respeito das ações filantrópicas do próprio Simão Bacamarte que se considera o sal da terra porque busca descobrir a cura da loucura, neste ponto, paródia o seguinte: *um dito de São Paulo “Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada.”*(p. 10) Estudou e classificou as várias manias *hospedadas na Casa Verde.* (p. 13)

No entanto, o conceito de demência de Simão Bacamarte não estava estabelecido. Estendeu-o além dos muros da Casa Verde. Ilus-

trando com exemplos da história, expôs para o seu interlocutor Crispim como *a insânia abrangia uma vasta superfície de cérebros...* (p. 17) Na verdade, os exemplos, como o de Sócrates, Pascal, Maomé, Caracala e outros, corresponderiam a casos da própria cidade de Itaguaí, mas ocultou-se esse pensamento. Se a voz da mídia hoje em dia é a imprensa falada e escrita, naquele tempo era a matraca. o principal agente informativo. O boticário Crispim, hipocritamente, sugeriu a divulgação dos planos do médico através da matraca, um instrumento barulhento, tocado por uma pessoa contratada para despertar a atenção do próximo sobre certas informações. Seria o meio mais digno de divulgação do novo conceito de loucura do Dr. Bacamarte. Aliás, foi por tocar a matraca, que um dos vereadores, - *aquele justamente que mais se opusera à criação da Casa Verde*, - adquiriu a fama de *perfeito educador de cobras e macacos...* e afirmando que o vereador nunca fizera isso, a narração segue ironicamente com depoimentos de pessoas que viram *cascáveis dançando no peito do vereador* (p. 18) Depoimento falso, mas consolidado pela confiança do sistema de divulgação. O caso do vereador, que à primeira vista nos parece uma digressão, é nada menos que uma observação mordaz a respeito do senso comum. E o terror se instalou em Itaguaí, porque, se o prazer de um herdeiro, no caso o Costa, era distribuir o conteúdo da herança entre os amigos, ia para a Casa Verde condenado como louco; ou se uma pessoa intercedesse por este herdeiro, como a prima do Costa, alegando que o mesmo fora vítima de uma maldição de um homem sedento a quem um parente do Costa havia negado água, juízo que tem por base a opinião popular, ia também para a Casa Verde. E até mesmo D. Evarista, uma espécie de primeira dama, pois era a esposa do insigne médico e que havia se tornado a esperança do senso comum de Itaguaí, foi para a Casa Verde, porque ficou na dúvida durante vinte e quatro horas para escolher entre um colar de safira e um de granada... Quem estava seguro? Este último episódio que atestou a abnegação científica do seu honesto desempenho médico. Este seu procedimento excluiu quaisquer *intuitos alheios à ciência*. (p. 40) Contudo, o barbeiro liderou uma revolta contra o alienista: *se tantos homens em quem supomos juízo, são reclusos por dementes, quem nos afirma que o alienado não é o alienista?* (p. 28) Como o líder fosse cognominado Canjica, o movimento se denominou a revolta dos Canjicas.

Alheio ao movimento de rebelião, compenetrado em princípios científicos, o comportamento do médico tornou-se paradoxal, porque soltou todos os dementes, alegando em relatório oficial à Câmara dos Vereadores que fundamentos estatísticos apontavam os pacientes com a faculdade mental desequilibrada como normal e exemplar e, *como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto...* (p. 40) Em resposta, a Câmara propôs uma emenda ao § 4º.: aceitou que o alienista agasalhasse na Casa Verde quem gozasse de perfeito equilíbrio mental, com duração de um mandato de ano, sendo que, por razões de ordem pública, a Câmara poderia fechar a Casa Verde a qualquer momento e, em nenhuma hipótese, os vereadores seriam recolhidos, o que foi aprovado por quase unanimidade, pois os protestos do vereador Galvão ecoaram na assembléia. Simão Bacamarte aceitou todos os dispositivos da câmara, mas internou o vereador Galvão, diagnosticando equilíbrio mental e moderação. A câmara acolheu unanimemente o procedimento novo do alienista. As pesquisas do Dr. Simão chegaram ao máximo grau da terapêutica e o narrador indicou o entusiasmo do médico com a expressão latina *Plus ultra!, muito além!*. Num caso como o de modéstia, ele aplicaria uma medicação que introjetaria no paciente um sentimento oposto. O processo era gradativo: criaria o novo costume de uma casaca, mais tarde de uma bengala, depois de uma cabeleira...até, se preciso, distinções honoríficas. O caso de um poeta doente obrigou Dr. Bacamarte a correr matraca, apregoando o poeta como rival de Píndaro, uma clara paródia do poema (*Ode IV, 2, 1-2*) de Horácio que afirma não existir êmulo para Píndaro: *Pindarum quisquis studet aemulari, / Iulle, ceratis ope Daedalea / nititur pennis, vitreo daturus / nomina ponto. // Aquele que pretende emular Píndaro / E se apóia em penas unidas com cera de Dédalo / Ó Iulo, há de dar seu nome ao brilho do espelho do mar!*

A conclusão é: *Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade* (p. 48) – enfim tudo para ser definido como um mentecapto. Constatção a partir de *um cérebro bem organizado* (p. 42), sublinhada pela modéstia do alienista, reunião dos opostos, ou como diz o próprio médico “*Reúno a teoria e a prática.*” (p. 48). O seu lado vaidoso se alegrou, mas o seu bom senso ficou

melancólico. Como melancólico, curvou a cabeça e entrou na Casa Verde, *entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo*. Veio a falecer dentro da Casa Verde. Os cidadãos de Itaguaí efetuaram *o seu enterro com muita pompa e rara solenidade* (p. 48).

Num confronto entre o mundo biossocial e os nossos sonhos, fantasias, esperanças e alegrias, quantas vezes nos deparamos com a melancolia diante do imponderável. A tragédia elege a morte como solução dessas aporias, mas uma risada tirada da *sátira menipéia* desfigura o pavor da morte. Quanto mais o trágico criar poemas sobre a Segunda Guerra Mundial, seja em forma de filmes seja através de outros discursos, mais a imagem de Hitler se exacerba como sublime, espalhando admiradores pelas gerações futuras. No entanto, basta ver a paródia de Charles Chaplin, representando o ditador alemão num gabinete a brincar com uma grande esfera do globo terrestre, que a carranca nos parecerá ridícula. Eis uma risada iconoclasta, desvanecedora do terror: ela é a contra-indicação da tragédia, desmitificadora da morte, isto é, da autopiedade humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *O Alienista*. São Paulo: Ática, 1998.

BALL, Martha Charlene. *Menippean Satire in More's Utopia and Erasmus's Praise of Folly*. Athens: Georgia, 1979.

BAKHTIN, Mikail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara F. Vieira. São Paulo: Huicitec, 1987.

———. *Estética da Criação Verbal*. Maria E.G.G.Pereira, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, a. *Dicionário de Símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva et alii. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Histoire de la Folie à l'Âge Classique*. France: Gallimard, 1972.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica: Grega e Latina*. Trad. de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [s/d.].

HORACE. *Oeuvres Complètes: Satires – Épitres – Art Poétique* Tome II. Trad. nouvelle avec une introduction et des notes par François Richard. Paris: Classiques Garnier, 1950.

HUMBERT, Jules & BERGUIN, Henri. *Histoire Illustrée de la Littérature Grecque*. Paris: Didier, 1947.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, [s/d.].

———. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1967.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.

D'ÓNOFRIO, Salvatore. *Os Motivos da Sátira Romana*. Alfa, Marília, 1968.

PETRONIUS. SENECA, *APOCOLOCYNTOSIS*. Respectivamente with na english translation by Michael Heseltine & with na english translation by W.H.D. Rouse, M.A, Litt. D. London: Harvad University, 1975.

SÁ REGO, Enylton José. *O CALUNDU E A PANACÉIA: Machado, de Assis, a Sátira Menipéia e a Tradição Luciânica*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1989.